

O /l/ em posição de coda silábica: confrontando variedades

Yonne Leite
UFRJ/CNPQ/UGF
Dinah Callou
João Moraes
UFRJ/CNPQ

1. Introdução

O fonema /l/, em posição de coda silábica, apresenta variações significativas de natureza estrutural e extralingüística que permitem estabelecer uma diferenciação entre áreas dialetais brasileiras e entre variedades continentais (PB/PE). Considera-se, tradicionalmente, que a realização deste fonema – como uma semivogal ou como uma lateral velarizada – constitui um dos traços diferenciadores do português brasileiro em relação ao português europeu. No que se refere ao português europeu, como afirma Mateus (2003: 997-998), a realização padrão do /l/ em posição de coda é a lateral velarizada: “o [l] final de sílaba e de palavra é pronunciado como [l] mas com uma elevação da língua na parte posterior da boca, o que se denomina uma velarização”.

O processo de vocalização do /l/, visto como uma inovação do português do Brasil, apresenta registros no latim vulgar e nas línguas românicas: *paupare < palpare. Kolovrat (1923) traz a tona o fato de Schuchardt fazer referência a grafias do tipo *autis*, *auta*, *cauculus*, levando a supor que o timbre do *l* fosse semelhante ao do *u*. Segundo Grandgent (1963: 186), essa modificação, esporádica no século IV, generalizou-se nos séculos VIII e IX, preferencialmente diante de /t/, precedido de /a/, em línguas como o francês, provençal, português, espanhol e inúmeros dialetos italianos. Pode-se dizer, assim, que a vocalização do /l/ em posição de coda é um processo histórico, emblemático do português do Brasil, que leva à recuperação do ditongo [ow], quase desaparecido na fala, como em *trouxa* → [troʃa], ao lado de [kowʃa] ← *colcha*, que se opõe a *coxa*.

Este trabalho visa a confirmar que existe no português do Brasil uma variação na realização do /l/ em coda, que pode ter uma articulação consonântica (alveolar ou velar) ou vocálica, a depender do dialeto. Procura-se, desse modo, desmistificar a idéia generalizada de uma visão dicotômica, em que se apregoa que, no português do Brasil, só existe vocalização e, no português europeu, velarização. Os dados do PB aqui examinados, num total de 5645 ocorrências da lateral em coda, foram extraídos de entrevistas com falantes de curso universitário completo, do Projeto NURC,

estratificados por faixa etária, gênero e origem geográfica. A metodologia é a da sociolingüística quantitativa laboviana.

2. A vocalização no português do Brasil

A análise evidenciou que o estágio do processo é diferenciado nas cinco cidades brasileiras observadas: Porto Alegre (POA), São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Salvador (SSA) e Recife (RE). Mostra-se que há uma diferença quantitativa de vocalização nas cinco capitais (Figura 1), no contexto de coda interna (*alma*) ou externa (*carnaval*).



Figura 1 – Percentual de vocalização em posição de coda interna e externa de vocábulo

No Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Recife o processo de vocalização está muito avançado, notadamente, em posição final, com percentual em torno de 90%, por oposição a Porto Alegre, em torno de 50%. Fica evidente ainda que há uma diferença de uso entre as três faixas etárias (1 – 25-35 anos; 2 – 36-55 anos; 3 – 56 anos em diante) e entre homens e mulheres, no confronto, por exemplo, entre Salvador (Figura 2) e Porto Alegre (Figura 3). Nota-se um aumento progressivo de vocalização nos mais jovens, homens ou mulheres, nas duas cidades: de um lado, em Salvador, na primeira faixa etária, anula-se completamente a distinção de gênero; de outro, em Porto Alegre, ainda se mantém uma distinção relativa, acrescida do fato de haver uma estabilidade na fala das mulheres e de mudança na dos homens. De todo modo, a vocalização é quase categórica nos mais jovens, nos dois dialetos, mesmo naquele em que, como se viu, a frequência total fica em torno de 50%.

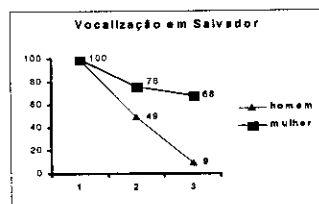


Figura 2 – Vocalização em Salvador por faixa etária e gênero

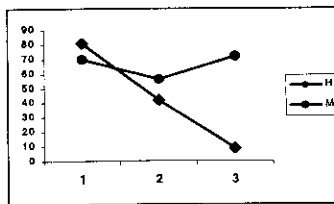


Figura 3 – Vocalização em Porto Alegre por faixa etária e gênero

Do ponto de vista estrutural, confirma-se que o processo de vocalização ocorre mais freqüentemente após uma vogal baixa, e inibe-se após a posterior alta arredondada [u]. Em posição de coda interna, a área de articulação também constitui um fator condicionante e um processo assimilatório se faz evidente: a velarização (posteriorização) é favorecida pela presença de uma consoante velar subsequente (*fo[ŋ]ga*).

3. A vocalização no português europeu

A oposição entre as variedades continentais é marcante e, embora a vocalização não se registre como traço geral ou regional no português europeu, há indicações de seu registro nessa variedade.

O [registro] mais recorrente, localizado no Minho, é o de *caurdo*, *aurdeia*, *aurgudão*, em Paiva Boléo [1943: 25], Vasquez Cuesta [1980: 65], Entwistle [1969: 365] – citação do que está em Leite de Vasconcelos [1970]. Não é rigorosamente o que se encontra entre nós, pois que, além da vocalização, ocorre a substituição pela vibrante, mas aí está ela. O processo, com certeza, não é sistematicamente mencionado por não ser tão avassalador quanto no Brasil, por ser de origem restrita dialetal popular, mas não por sua inexistência (Demasi, 1995: 119).

No Brasil, a vocalização já foi estigmatizada, considerada própria das classes menos cultas, o que se depreende, por exemplo, das afirmações de Silva Neto (1963: 184): “*Contra essas tendências (e mais a de vocalizar o l velar): Brasília, carnaval, etc.) levanta-se com muita força o ensino escolar ...*”; de Antenor Nascentes (1953: 48): “[...] *A classe semiculta vocaliza-o diante de a, e, i, [...]*”, entre outros.

Não se dispunha de estudos sobre a vocalização do /l/ no português europeu, culto ou popular, na perspectiva teórico-metodológica da sociolinguística quantitativa laboviana. Análise recente (Machado & Callou, 2005) com uma pequena amostra do

*corpus*¹ CRPC-Lisboa permitiu confirmar a hipótese de que a realização do /l/ em coda, no português europeu, também admite variação, e está sujeita a condicionamentos. Foram registradas, além da lateral velar, que constitui a norma, variantes vocalizadas, alveolares e até mesmo zero fonético, depois da vogal /u/. Registrou-se uma frequência de apenas 18% e peso relativo de .19, com base em um total de 155 dados da fala culta e 140 da fala popular. No tocante à modalidade culta, os grupos de fatores que se mostraram atuantes foram basicamente os mesmos de PB: tipo de vogal antecedente, posição da sílaba no vocábulo (final ou medial) e tipo de consoante subsequente.



Figura 4 – Vocalização por tipo de vogal no português europeu

Como se pode ver na figura 4, o processo de vocalização, embora raro, atua preferencialmente quando o /l/ está precedido de [a]: a[w]deia, ca[w]ça; ou de [u]: resu[w]tado.

Quando seguido de oclusiva alveolar (sa[w]do) ou fricativa labial (po[w]vo), a vocalização é favorecida, conforme se vê na Figura 5.

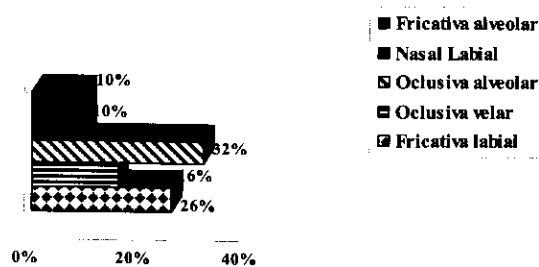


Figura 5 – Vocalização segundo a consoante subsequente.

¹ Disponível em www.letas.ufjf.br/varport

Da mesma forma que no português do Brasil, a vocalização também é sensível à posição da sílaba no vocábulo, e ocorre ainda mais raramente em posição de coda externa (Figura 6), no que se opõe ao português brasileiro (Figura 1).

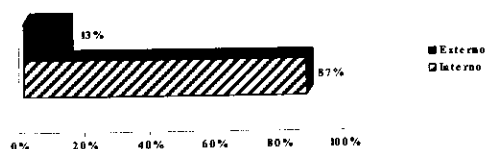


Figura 6 – Vocalização em coda silábica interna e externa no português europeu.

Observe-se que, em alguns exemplos como em *falta*, estão atuando os três condicionamentos, a saber, vogal [a] ou [u] antecedente, consoante [t] subsequente e posição interna.

Foram também analisadas elocuições da modalidade popular, tanto em PB quanto em PE. Para o Rio de Janeiro (142 dados), a frequência de uso é de 96% (.96) e nenhum grupo de fatores foi selecionado, o que comprova a completude da regra. Para PE, em que a regra tem baixa frequência, mais uma vez, foram selecionados dois dos mesmos grupos de fatores, vogal antecedente e contexto.

4. Análise acústica

Dada a dificuldade em preceber auditivamente, por vezes, as diferenças entre realizações velarizadas e vocalizadas da lateral, em algumas ocorrências do português europeu, levou-nos a fazer uma análise-teste experimental, com o programa CSL (*Kay Elemetrics*), a fim de verificar se a acústica daria pistas consistentes para a identificação de cada uma das variantes.

A análise acústica foi realizada apenas com alguns vocábulos isolados do *corpus* espontâneo em que a consoante se encontrava nos contextos favorecedores à vocalização. Como a qualidade dos registros sonoros não permitia uma visualização nítida, no espectrograma, dos formantes constitutivos dos fones em confronto, decidiu-se analisar, como ponto de referência, esses mesmos fones produzidos por um único locutor em laboratório, nos vocábulos *azul, falta, sul, sal, salta*.

Observou-se que a variante alveolar se distingue nitidamente das demais realizações, uma vez que seu segundo formante (F2) situa-se em torno de 1500 Hz, apontando, desse modo, para uma realização anterior (cf. coluna 3 dos Gráficos 1 e 2). Já entre as realizações velarizadas [ʔ] e vocalizadas [w] – colunas 1 e 2 das Figuras 7 e 8

– a diferença, no que se refere aos dois primeiros formantes, é bastante tênue, o que poderia explicar a dificuldade de distinção perceptiva. Há, entretanto, uma leve tendência à queda dos valores de F1 e F2 na realização vocalizada. Isso faz supor que o [w] seja um pouco mais fechado e posterior.

É, na verdade, no nível do terceiro formante (F3) – que se relaciona com o grau de arredondamento – que a diferença entre vocalização e velarização se torna mais nítida: a realização da semivogal apresenta o F3 situado numa zona mais baixa cerca de 400 Hz (*grosso modo*, de 2200 na velarizada para 1800 na vocalizada).

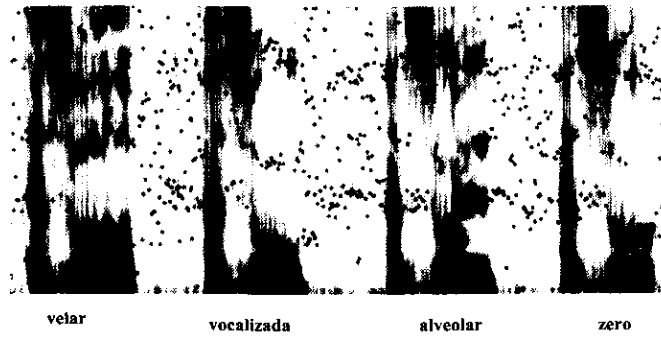


Figura 7 – Realizações do L no vocábulo *azul*

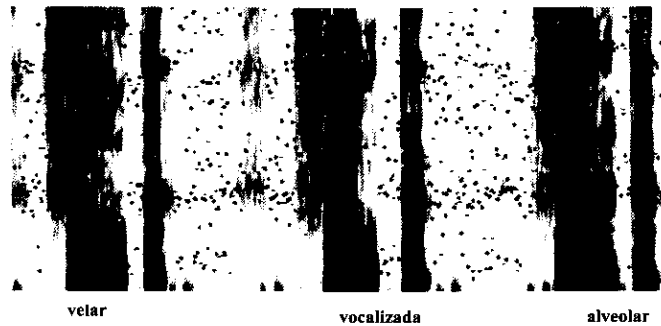


Figura 8 – Realizações do L no vocábulo *falta*

Em síntese, a análise variacionista permite afirmar que, pelo menos no Rio de Janeiro, a regra está estável na fala culta e completa na fala popular e, em Lisboa, a taxa de realização da lateral vocalizada é baixa em ambas as modalidades. Confirma-se, assim, que há uma significativa diferença entre o português europeu e o brasileiro no tocante à realização da lateral, como se pode observar na Figura 9.

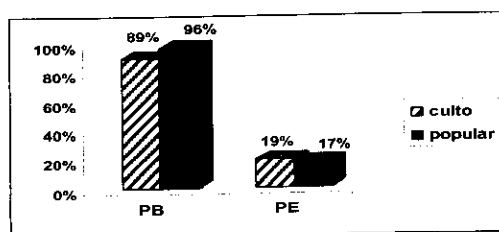


Figura 9 – Vocalização do L em PB e PE, na fala culta e popular.

De todo modo, o processo inovador na realização vocalizada do /l/ em coda silábica, no português brasileiro, teria um rastro milenar. Inovador, com certeza, é o avanço do processo de vocalização no Brasil, que invade inclusive áreas consideradas até bem pouco tempo como mantenedoras do [ɫ] velar, como o extremo sul do país.

Referências

- Callou, Dinah; Leite, Youne, Moraes, João Antônio. (2002). Processo(s) de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: Maria Bernadete Abaurre e Ângela Rodrigues A. (orgs.) *Gramática do Português Falado VIII: Novos estudos descritivos*. Campinas: Unicamp/Fapesp, pp. 537-555.
- Demasi, Maria do Socorro. (1995). O -l posvocálico na fala culta do Rio de Janeiro. In: Pereira, Cilene da Cunha e Pereira, Paulo Roberto Dias (org.) *Miscelânea de Estudos Lingüísticos, Filológicos e Literários in Memoriam Celso Cunha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 115-143.
- Grandgent, Charles Hall. (1963). *Introducción al Latin Vulgar*. Madrid: Fênix Artes Gráficas.
- Kolovrat, George (1923). *Étude sur la Consonne l dans les Langues Romanes*. - Paris: Jouve & Cie.
- Labov, William (1994). *Principles of Linguistic Change: Internal factors*. Cambridge: Blackwell.
- Machado, Luana; Callou, Dinah (2006). *A vocalização do /l/ em posição de coda silábica: português europeu/português brasileiro*. Apresentação em painel no 54º Congresso do GEL. Araraquara, São Paulo. Inédito.
- Mateus, Maria Helena Mira (2003) Fonologia. In Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I e Faria, I. (2003), pp. 987-1033.

XXII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA

- Mateus, M. H. M., Brito, A. M., Duarte, I. e Faria, I. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho.
- Nascentes, Antenor (1953). *O Linguajar Carioca*. Rio de Janeiro: Simões, 2ª. ed.
- Silva Neto, Serafim (1963). *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: INL/Instituto Nacional do Livro, 2ª. ed.